

THE GLOBAL BESTSELLER AND TIKTOK SENSATION

ALI HAZELWOOD

DEEP END



Índice

[Título](#)

[Direitos autorais](#)

[Conteúdo](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

ELOGIOS PARA ALI HAZELWOOD

“Um avanço literário... *The Love Hypothesis* é uma estreia autoconfiante, e supomos que seja apenas o primeiro pedaço de grandeza que veremos de um autor que, de alguma forma, tem a audácia de ser tanto uma potência acadêmica quanto um romancista divinamente talentoso.”

— *Entretenimento semanal*

“Outro home run de Hazelwood.”

— *Pessoas na Noiva*

“*Bride* é uma delícia! Apaixonante, espirituoso e primitivo em sua intensidade, a estreia paranormal de Ali Hazelwood apresenta um mundo tão intrigante quanto seus personagens. Eu adorei essa leitura.”

— Autora de best-sellers *do New York Times*, Nalini Singh

“O unicórnio do romance contemporâneo: o casamento evasivo do profundamente inteligente e deliciosamente escapista... *The Love Hypothesis* tem um apelo comercial selvagem, mas o segredo mais silencioso é que há um público específico, composto por todas as Olives do mundo, que esperaram profunda e ardentemente por este livro exato.”

— Christina Lauren, autora de best-sellers *do New York Times*

“É oficial. Não há nada que Ali Hazelwood não possa fazer brilhantemente quando se trata de escrever. ADOREI.”

— Jodi Picoult, autora de best-sellers *do New York Times*

“Ali Hazelwood é uma potência romântica e ela me colocou firmemente de volta na minha era de lobisomem.”

— A autora de best-sellers *do New York Times* Hannah Grace em *Bride*

“Tudo o que eu quero e muito mais em um romance paranormal.”

— A autora de best-sellers *do New York Times* Lauren Asher em *Bride*

“Sempre que quero um romance sexy, espirituoso e delicioso, contado em uma voz fresca e inteligente, leio Ali Hazelwood. Prepare-se para ficar viciado. Cada livro é pura alegria.”

— Autora de best-sellers *do New York Times*, Simone St. James

“Engraçado, sexy e inteligente. Ali Hazelwood fez um trabalho fantástico com *The Love Hypothesis* .”

— Mariana Zapata, autora de best-sellers *do New York Times*

“Gloriosa e nerd, com comentários precisos sobre mulheres em STEM.”

— Helen Hoang, autora de best-sellers *do New York Times*, sobre *o amor no cérebro*

“STEMinistas, reúnam-se. Seu mundo está prestes a ser abalado.”

— A autora de best-sellers *do New York Times* Elena Armas sobre *o amor no cérebro*

“Isso aborda um dos meus tropos favoritos — Grumpy encontra Sunshine — de uma forma divertida e totalmente cativante. . . . Adorei as referências ao fandom e aos romances, e não consegui parar de ler. Altamente recomendado!”

— A autora de best-sellers *do New York Times* Jessica Clare sobre *The Love Hypothesis*

“Ali Hazelwood finalmente nos dá o sobrenatural, com seu humor característico, enredo tortuoso e tempero que não acaba nunca — apertem os cintos.”

— A autora de best-sellers *do New York Times* Hannah Whitten sobre *Bride*

“Hazelwood libera sua voz brilhante e inteligência em um Romeu e Julieta paranormal.”

— A autora de best-sellers internacionais Ruby Dixon em *Bride*

TAMBÉM POR ALI HAZELWOOD



A Hipótese do Amor
Amor no Cérebro
Amor, Teoricamente
Noiva
Não estou apaixonado

ANTOLOGIAS

Detesto Amar Você

NOVELAS

Sob o mesmo teto
Preso com você
Abaixo de zero

NOVELAS PARA JOVENS ADULTOS

Xeque e Mate

DEEP END

ALI HAZELWOOD



ESFERA

Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 2025 pela Berkley,
uma marca da Penguin Random House LLC

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 2025 pela Sphere

Direitos autorais © Ali Hazelwood 2025

O direito moral do autor foi afirmado.

Todos os personagens e eventos nesta publicação, exceto aqueles claramente de domínio público, são fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a permissão prévia por escrito do editor, nem ser circulada de outra forma em qualquer forma de encadernação ou capa diferente daquela em que foi publicada e sem que uma condição semelhante, incluindo esta condição,

seja imposta ao comprador subsequente.

Um registro de catálogo CIP para este livro

está disponível na Biblioteca Britânica.

Número de série: 978-1-408-72889-5

Esfera
Uma impressão de
Grupo de livros Little, Brown
Casa Carmelita
50 Victoria Embankment
Londres EC4Y 0DZ

O representante autorizado
no EEE é
Hachette Irlanda
8 Centro Castlecourt
Dublin 15, D15 XTP3, Irlanda
(e-mail: info@hbgi.ie)

Uma empresa Hachette UK

www.hachette.co.uk

www.littlebrown.co.uk

CONTEÚDO

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

Essa tem que ser para os AmsterDAMNs .

Caro leitor,

Mais uma vez, muito obrigada por escolher um dos meus livros. Este pode ser o meu favorito que já escrevi, e estou muito feliz que ele esteja no mundo! Antes de mergulhar, quero que saiba que este trabalho contém explorações consensuais e negociadas de kink, em particular, de troca de poder. Se você escolher lê-lo, espero que aproveite a experiência.

Amor,

Todos

PRÓLOGO

EUTUDO COMEÇA QUANDO PENELOPE ROSS SE INCLINA SOBRE A mesa de madeira maciça do restaurante, levanta o dedo indicador e declara: "Décimo círculo do inferno: você encontra o amor da sua vida, mas o sexo é intensamente *meh*."

Na frente de todo o elenco de mergulhadores de Stanford.

Às onze e quinze da manhã.

Durante o brunch do meu vigésimo primeiro aniversário.

Quatro segundos atrás, estávamos falando demais sobre nossos problemas digestivos, e o efeito chicote é desorientador. Tenho aproveitado meus direitos legais recém-adquiridos, mas nenhuma quantidade de álcool pode me impedir de soltar: "O quê?"

Não foi meu momento mais diplomático. Felizmente, minha incredulidade é abafada pelas reações do resto da equipe: a cusparada de Bree, o suspiro escandalizado de Bella e o cético " *Blomqvist não é o amor da sua vida?*" de Victoria.

"Ele com certeza é." Pen concorda.

Encho minha boca com mimosa. O gosto é bem pior do que suco de laranja puro, mas o zumbido é *muito* bem-vindo.

"Caneta. Querida." Bree limpa o espresso martini dos copos usando a bainha da camisa da irmã dela, Bella — que permite. Coisas de gêmeos, eu acho. "Quantos drinques você tomou?"

"Tipo, metade daquele jarro."

"Ah. Talvez devêssemos—"

"Mas *in mimosa veritas* ." Pen se inclina ainda mais para frente. Sua voz cai enquanto ela faz um gesto amplo. "Estou confiando em vocês, rapazes. Sendo vulneráveis. Estamos tendo um *momento* ."

Victoria suspira. "Pen, eu te amo, cavalgue ou morra, te seguiria até os próprios fogos de Mordor e toda essa merda, mas não estamos tendo um *momento* ."

"Por que?"

"Porque você está inventando merda."

"Por que?"

"Porque Blomqvist *fode* ."

Sento-me em um estado semi-zonado e me forço a pensar em Lukas Blomqvist — uma ocorrência rara para mim. As pessoas presumem que sou fascinado por tudo o que acontece em uma piscina, mas não. Os únicos esportes que acho remotamente interessantes são mergulho e mergulho em terra (ou, como os normies chamam, ginástica). O resto está fora do meu alcance. Há muita coisa acontecendo em esportes aquáticos. Não consigo acompanhar os times de polo aquático de Stanford, muito menos os nadadores.

E ainda assim, Blomqvist é difícil de ignorar. Por causa do caminhão de medalhas, talvez. Os recordes mundiais. Além disso, se o capitão do meu time faz parte de um casal poderoso do atletismo, cabe a mim estar ciente de sua outra metade. E Pen e Blomqvist estão namorando desde sempre. Pelo que eu sei, eles foram prometidos no nascimento para cimentar as relações diplomáticas entre os EUA e a Suécia.

Fecho os olhos para trazer à tona minhas memórias manchadas dele. Sungas pretas. Tatuagens. Cabelo castanho curto e repicado. Envergadura acima da média. A constituição majestosa e ainda improvável de todos os outros nadadores DI que já viveram .

Victoria está certa. Podemos arriscar com segurança que sim, Blomqvist *fode* .

“Eu não disse que ele não gosta. Ele é ótimo. Só não...” Pen estremece, e é uma quebra tão estranha de sua autoconfiança brilhante, que corta direto minha névoa de mimosa.

A coisa sobre Pen, ela é meio ótima. Aspiracional. O tipo de pessoa que instintivamente sabe como fazer alguém se sentir à vontade. Ela vai te lembrar de beber água. Ofereça o prendedor de rabo de cavalo em seu pulso quando seu cabelo grudar em seus lábios. Lembre-se do seu meio aniversário. Eu poderia fazer workshops de desenvolvimento pessoal até completar cinquenta anos e deixar uma equipe de analistas de dados me reprogramar, mas eu ainda não teria um terço do charme dela, porque carisma como o dela brota de pares de bases aninhadas em cromossomos. E agora ela está mordendo cutículas como se tivesse acabado de descobrir a ansiedade social? Eu não amo isso.

“Simplesmente não... o que eu quero. E honestamente, vice-versa,” ela acrescenta em um murmúrio baixo.

“Qual seria?” Abençoada seja Victoria por perguntar o que eu não tenho coragem. O membro extrovertido e sem filtros que toda equipe precisa.

“Meu Deus. Eu só quero... você sabe, às vezes...” Pen geme.

Eu enrijeço, de repente alarmado. “Blomqvist está forçando você a—”

“Não. Deus, *não* .” Ela balança a cabeça, mas devo parecer pouco convencida porque ela continua, “Não. Ele nunca faria isso.” Todos os outros abandonaram a conversa — os gêmeos, discutindo sobre qual bebida é de quem, Victoria, gesticulando em direção ao garçom. “Luk não é assim. Só... como você diz a um cara que precisa de algo diferente?”

me perguntando ? As linhas na minha testa se organizaram para formar as palavras *anteriormente pedi para alguém bater nela ?*

Honestamente, isso daria certo. “Os escandinavos não são muito mente aberta?”

“Talvez? Ele definitivamente tem a mente aberta quando se trata de—” Mas ela para, porque um pequeno grupo de garçons desafinados nos interrompe com uma sequência de *parabéns para você* , e muitas coisas acontecem ao mesmo tempo.

Eu assopro a única vela colocada desleixadamente em cima de um bolo de lava. Uma equipe presente de novos cordões elásticos é produzida. Fico brevemente perplexo que alguém tão cronicamente introvertido quanto eu tenha encontrado pessoas que são, meu Deus, tão *legais* . Victoria precisa usar o banheiro. Pen recebe uma ligação de sua tia. Bree quer saber quais aulas eu farei no outono.

É muita coisa. Em pouco tempo. Nunca acabamos voltando ao tópico da vida sexual misteriosamente imperfeita de Penelope Ross e Lukas Blomqvist — o que é para melhor. Qualquer problema com o qual eles estejam lidando é provavelmente trivial, de qualquer forma. Ela não gosta da marca de preservativos que ele usa. Ele adormece sem abraçá-la. Eles estão cansados depois do treino e brigam sobre quem deve ficar por cima. Não é meu circo e/ou macacos, então deixo o assunto escapar da minha mente, suave como uma enguia de barbatana longa.

Até algumas semanas depois, quando tudo muda.

CAPÍTULO 1

EA COISA QUE MAIS TEMO SOBRE O ANO JÚNIOR COMEÇA em uma quarta-feira de manhã, algumas semanas antes do início do trimestre de outono. Está marcado no meu Google Agenda para o horário das dez às onze, uma única palavra que pesa mais do que a soma de suas letras.

Terapia .

“Isso é um tanto não convencional”, Sam me diz em nosso primeiro encontro, sem julgamento ou curiosidade em seu tom. Ela parece ter dominado a neutralidade em todas as facetas da vida — seu terninho bege, o aperto médio de mão, um visual atemporal e gracioso que poderia estar em qualquer lugar entre quarenta e setenta anos. É muito cedo em nosso conhecimento para que eu queira ser *ela* ? “Eu tinha a impressão de que a Stanford Athletics tinha sua própria equipe de psicólogos esportivos licenciados.”

“Eles fazem”, eu digo, deixando meus olhos deslizarem pelas paredes de seu escritório. Diplomas superam fotos pessoais, quatro a zero. Sam e eu podemos *já* ser a mesma pessoa. “Eles são ótimos. Eu trabalhei com eles nos últimos meses, mas...” Eu dou de ombros, esperando transmitir que a culpa é minha se não der certo. “Eu tive alguns problemas alguns anos atrás — não relacionados ao mergulho. Na época, a terapia cognitivo-comportamental funcionou bem para mim. Meu treinador e eu conversamos sobre isso, e como é sua especialidade, decidi tentar os Serviços de Aconselhamento.” Sorrio como se tivesse total confiança neste plano. Se ao menos.

“Entendo. E no passado, quando você fazia terapia cognitivo-comportamental, quais problemas você—”

“Nada relacionado a esportes. Eram... coisas de família. Meu relacionamento com meu pai. Mas agora está tudo resolvido.” Percebo que falei um pouco rápido demais e espero que Sam desafie o que é obviamente uma verdade malfeita e ainda congelada no meio, mas ela apenas encara, avaliando e sendo agressiva.

Muita atenção, toda em mim, tudo de uma vez. Eu me contorço na cadeira, sentindo a dor que sempre se agarra aos meus músculos. A presença dela não é particularmente calmante, mas estou aqui para ser *consertado* , não *acalmado* .

“Entendo”, *ela diz eventualmente. Abençoada seja a TCC e sua falta de besteira. Existe essa coisa que você faz que é ruim para você. Eu vou te ensinar a não fazer isso, seu seguro vai me dar dinheiro, e cada um de nós seguirá seu caminho feliz. Traga seu próprio trauma. Os lenços são por minha conta . “E só para ficar claro, Scarlett, você quer estar aqui?”*

Concordo enfaticamente. Posso não estar ansioso pela agonia que vem com a exposição dos pedaços moles da minha alma, mas não sou um detetive clichê se recusando a ver um psiquiatra em um programa policial dos anos oitenta. Terapia é um privilégio. Tenho sorte de tê-la. Acima de tudo, preciso dela.

“Devo admitir, não sei muito sobre mergulho. Parece uma disciplina muito complexa.”

“É.” Muitos esportes competitivos exigem um equilíbrio delicado de força física e psicológica, mas o mergulho... o mergulho treinou muito e arduamente para se tornar o mais mentalmente perturbador de todos.

“Você estaria disposto a explicar?”

“Claro.” Eu limpo minha garganta, olhando para baixo para meus corredores e camisa de compressão. Preto e vermelho cardinal. *Stanford Swimming & Diving: Fear the Tree* . Quem

projeta nossos equipamentos claramente quer que nossa identidade seja reduzida ao nosso desempenho atlético. *Nunca se esqueça: você é o que você pontua*. “Nós pulamos de coisas. Mergulhamos em piscinas. Fazemos algumas acrobacias no meio.”

Quero fazê-la rir, mas Sam não é propenso a diversão. "Estou supondo que há mais?"

“Muitas regulamentações.” Mas não quero aborrecê-la ou ser um cliente difícil. “Sou um atleta da Divisão I da NCAA. Eu compito em dois eventos. Um é do trampolim, aquela prancha de fibra de vidro saltitante que...” Imito seu movimento para cima e para baixo com a palma da minha mão. “Isso tem três metros de altura. Cerca de dez pés.” *Tão alto quanto um avestruz*, a voz do meu primeiro treinador me lembra.

“Qual é o outro evento?”

“A plataforma. Tem dez metros de altura.” Trinta e três pés. Duas girafas.

“Sem salto?”

"Estático."

Ela cantarola. “A pontuação funciona como ginástica?”

“Basicamente. Um painel de juízes procura erros e subtrai pontos de acordo.”

“E quantos mergulhos você realiza por competição?”

“Isso depende. E não é... não é realmente sobre quantos.” Mordo o interior da minha bochecha. Ela me deixa levar meu tempo, mas continua envolvida. “É o grupo.”

“O grupo?”

“O... tipo de mergulho, se preferir.”

“E quantos grupos existem?”

“Seis no total.” Eu mexo na ponta do meu rabo de cavalo. “Para frente. Para trás. Para trás. Girar. Parada de braço.”

“Entendo. E no seu e-mail, você mencionou que estava se recuperando de uma lesão?”

Terapia é um privilégio. Mas eu não gosto disso. “Correto.”

“Quando foi isso?”

“Cerca de quinze meses atrás. No final do primeiro ano.” Eu Cerro os punhos sob as coxas, espero que ela exija os detalhes sangrentos, pronto para recitar minha lista.

Sam, no entanto, me poupa. “Você disse que há seis grupos de mergulhos?”

“Sim.” Fiquei surpreso com a mudança de assunto e baixei a guarda.

É um passo em falso de proporções catastróficas.

“E esse seu ferimento, Scarlett... tem alguma coisa a ver com o fato de você ter listado apenas cinco?”

CAPÍTULO 2

E"OU FODIDO", MARYAM DIZ DURANTE A PRIMEIRA SEMANA DE AULAS, e tudo o que consigo pensar além do desespero zumbindo em meus ouvidos é que mereço algo melhor da minha colega de quarto. Eu a ajudei a limpar manchas de sangue de inúmeras regatas de luta livre — eu realmente não devo ter compaixão? Ou pelo menos desaprovação da variedade mais tácita?

“Eu sou um quarto alemão”, eu contra-ataco. “Minha mãe nasceu lá. Eu deveria ser bom nisso.”

“Sua mãe morreu quando você tinha dois anos, Vandy. Sua madrasta, que te *criou*, é de Bumfuck, Mississippi.”

Duro. Mas justo. “Minha constituição genética—”

“É irrelevante e não predispõe você a uma nota de aprovação em alemão”, ela diz com o desprezo de alguém que cresceu bilíngue. Não consigo lembrar atualmente qual parte do cérebro controla a capacidade de aprender línguas, mas o dela gira lindamente e como uma turbina. Uma excelente fonte de energia renovável pronta para abastecer um pequeno país europeu.

Enquanto isso: “Não sou bom nessas coisas”, eu reclamo. Por que eu *deveria* ser, no entanto? “É ridículo que as escolas de medicina tenham requisitos de língua estrangeira. ”

“Não é. E se você decidir fazer Médicos Sem Fronteiras, e sua habilidade de salvar uma vida depender de saber se 'o bisturi' é masculino ou feminino?”

Eu coço meu pescoço. “*Die skalpellen?* ”

“Bam, o paciente morreu.” Maryam balança a cabeça. “Você fodeu tudo, meu chapa.”

Com uma ajudinha do meu orientador acadêmico. Faça os cursos de pré-medicina primeiro, ele disse. Você precisará do conhecimento para passar no Teste de Admissão à Faculdade de Medicina, ele acrescentou. É a decisão certa, ele concluiu.

E eu escutei. Porque tudo o que eu sempre quis foi estar *no topo da merda*. Porque eu sou um atleta estudante, e minha agenda é um cruzamento entre uma torre de Jenga e um tutorial de shibari. Espontaneidade? Só se pré-arranjado. Eu fiz um plano de quinze anos no dia em que me formei no ensino médio, e sempre tive a intenção de segui-lo: mais de um título da NCAA, faculdade de medicina, ortopedia, noivado e casamento, felicidade compulsória.

Claro, eu estraguei esse plano ao encher sequências de química e biologia em meus anos de calouro e segundo ano — sem considerar que aulas de ciências nunca foram minha fraqueza. Entro no penúltimo ano, e meu GPA treme nas botas. Psicologia é angustiantemente vaga. O dativo alemão assombra meus pesadelos mais sangrentos. A composição em inglês quer que eu construa argumentos convincentes sobre tópicos elusivos e escorregadios — poesia, a ética do controle de pragas, mandatos máximos para funcionários do governo, as pessoas existem quando não podemos vê-las?

É mais fácil para mim quando as bolas caem ordenadamente em seus baldes pretendidos. Preto e branco, certo e errado, à base de carbono e inorgânico. Este ano são tons de cinza e bolinhas de gude espalhadas por todo o chão, uma poça de óleo de Língua Alemã 1 derramada por baixo.

Eu costumava ser um atleta estudante nota A. Costumava estar no controle. Costumava viver em busca da excelência. Neste ponto, estou apenas tentando evitar fracassos explosivos. Não seria adorável se eu conseguisse não decepcionar constantemente as pessoas ao meu redor?

“Mude para outro idioma”, sugere Maryam, como se eu ainda não tivesse explorado todas as rotas de fuga.

“Não posso. É como telhado de telhas — todas elas se sobrepõem a alguma coisa.” Como treinos matinais. Treinos da tarde. Qualquer uma das outras milhões de atividades para as quais Stanford me recrutou. E este deveria ser o ano em que eu realizaria meu potencial atlético. Se ainda o tivesse, pelo menos. Se é que ele já existiu.

Com certeza parecia, de volta à Bumfuck High School (Missouri, mas desisti de corrigir Maryam). Meia dúzia de treinadores de DI se cotovelavam agressivamente para me atrair para suas escolas, porque eu era um ex-atleta olímpico júnior, membro da equipe nacional, medalhista mundial júnior. Recruta de ponta. Todos os treinadores de clube que tive desde os seis anos de idade tinham me enganado: *Você é excelente nisso, Vandy. Você fará grandes coisas, Vandy. Jovem mergulhador promissor, Vandy* . Eu brincava naquela fumaça como um rato-do-campo em êxtase — até a faculdade, quando finalmente fui corrigido.

Na verdade, eu mal conseguia ficar de pé.

Meu cérebro deve ter decidido me fazer um favor, porque não tenho lembranças dos trinta segundos que mudaram minha vida. Sorte minha, a coisa toda está gravada para qualquer um assistir, porque aconteceu nas finais de mergulho da NCAA. Vem até comentado previamente.

“E essa foi Scarlett Vandermeer da Universidade de Stanford, bronze olímpico júnior. Definitivamente a grande revelação da temporada, e à beira de um novo recorde de platáform . Antes desse mergulho, claro.”

“Sim, ela estava tentando um mergulho para dentro com duas cambalhotas e meia na posição de pique, que ela conseguiu perfeitamente esta manhã nas preliminares. Na verdade, ela conseguiu oitos e nove. Mas desta vez algo deu errado na decolagem.”

São sempre aqueles em quem você mais confia .

“Sim. Esse foi definitivamente um mergulho fracassado — isso vai ser nota zero dos juízes em termos de pontuação. Mas ela também entrou na água no ângulo errado, então espero que ela não se machuque.”

Ao que meu corpo disse: *Foda-se a esperança* .

É engraçado, de uma forma notavelmente sem graça. Lembro-me claramente da raiva — da água, de mim mesma, do meu próprio corpo — mas não tenho lembrança da dor. No vídeo, a garota mancando para fora da piscina é uma doppelgänger que roubou meu corpo. A longa trança descendo por seu maiô vermelho pertence a uma impostora. As covinhas enquanto ela estica os lábios em um sorriso? Estranho. E por que o pequeno espaço entre os dentes da frente dela parece exatamente com o meu? A câmera segue seu andar tonto sem piedade, boquiaberta mesmo enquanto o treinador Sima e seus assistentes correm para ajudar.

“Vandy, você está bem?”

A resposta é ininteligível, mas o treinador adora contar a história de como a garota disse: *Sim, mas vou precisar de um Advil antes do meu próximo mergulho* .

Acontece que ela estava certa. Ela *precisaria* de um Advil antes do próximo mergulho. E cirurgias. E reabilitação. Sua contagem final?

Concussão.

Tímpano rompido.

Pescoço torcido.

Ruptura labral do ombro esquerdo.

Contusão pulmonar.

Pulso torcido.

Torção no tornozelo.

Um peso pesado e viscoso se aloja na minha cavidade torácica sempre que assisto ao vídeo e imagino o que ela deve ter passado — até que me lembro que a garota sou *eu* .

Não há um único cara com quem eu combinei em aplicativos de namoro que não tenha me perguntado, *Mergulho é praticamente a mesma coisa que natação, certo?* Mas assim como boxe, hóquei no gelo e lacrosse, mergulho é uma esporte de contato. Toda vez que entramos na água, o impacto bate em nossos esqueletos, músculos, órgãos internos.

Morra de inveja, NFL.

“Você precisa se preparar para a possibilidade muito real de não poder mergulhar novamente”, Barb me disse antes da minha cirurgia. É tão difícil descartar o que sua madrasta diz como bobagem pessimista quando a dita madrasta é uma brilhante cirurgiã ortopédica. “Só queremos que seu ombro recupere a mobilidade total.”

“Eu sei”, eu disse, e chorei como um bebê, primeiro em seus braços, depois sozinho na minha cama.

Mas Barb foi cautelosa demais — e eu tive sorte. A recuperação acabou se mostrando dentro do reino das possibilidades. Eu fiquei de camisa vermelha durante meu segundo ano. Descansei. Tomei os remédios. Mantive a dieta anti-inflamatória. Foquei na fisioterapia, nos alongamentos e na reabilitação, tão zelosamente quanto uma freira fazendo suas orações noturnas. Visualizei meus mergulhos, embalei minhas dores, apareci para o treino de qualquer maneira, observando o resto do time treinar, o cheiro do cloro grudado no meu nariz, o azul cintilante da piscina a poucos metros de distância, mas impossivelmente longe.

Então, dois meses atrás, fui liberado para o treinamento. E tem sido . . .

Bem. Há uma razão para eu estar consultando um terapeuta.

“Acho que tenho uma ideia para resolver seu problema com a língua estrangeira.”

Olho desconfiada para Maryam, mas ainda assim me inclino para frente, toda ouvidos, olhos e esperança.

“Você vai me dizer para tomar um banho de ácido, não é?”

“Ouça-me: Latim 201.”

Eu me levanto. “Eu tenho que ir.”

“Pense em como será útil quando os Médicos Sem Fronteiras o enviarem para a Roma Antiga!”

Bato a porta atrás de mim e saio para o treino quarenta minutos mais cedo, só para evitar estrangular meu colega de quarto.

Fomos pareados durante o primeiro ano e, apesar da Maryam maldade inabalável e minha incapacidade de substituir rolos de papel higiênico vazios a tempo, de alguma forma nos tornamos indispostos a viver separados. Ano passado, nos mudamos (voluntariamente?) juntos para um lugar fora do campus, e acabamos de renovar (voluntariamente?) nosso contrato de aluguel, condenando-nos a mais vinte e quatro meses um do outro. A verdade é que estar juntos é simples e requer pouco trabalho emocional de qualquer um de nós. E quando você é como eu (um perfeccionista voltado para objetivos, focado no controle e superdotado), encontrar alguém como Maryam é um presente.

Não é um *bom* presente, mas vou aceitar.

O Avery Aquatic Center é a melhor instalação em que já treinei. É totalmente ao ar livre, com quatro piscinas e uma torre de mergulho, e é onde todos os times aquáticos de Stanford

praticam. Hoje, o vestiário feminino está abençoadamente silencioso. É uma rara zona Cachinhos Dourados — os nadadores já estão saindo para praticar; os mergulhadores ainda não estão se preparando. Jogadores de polo aquático foram recentemente exilados para outro prédio, e muitas lágrimas de gratidão foram derramadas.

Coloco meu maiô. Deslizo uma camiseta e shorts por cima. Programo meu alarme e sento no desconfortável banco de madeira, contemplando minhas escolhas de vida. Exatamente dez minutos depois, meu telefone vibra, e eu me levanto, sem ter alcançado clareza ou paz interior. Estou caminhando até a lavanderia para pegar uma toalha limpa, quando ouço uma voz familiar.

“... não está bem”, diz Penelope.

Ela fica parada no corredor, a alguns metros de distância, mas não me nota.

“De jeito nenhum”, ela continua, com lágrimas nos olhos. Eu reconheço isso daquele encontro duplo em Utah, quando ela errou um pique para frente, caiu de barriga como um esquilo voador e deslizou da primeira para a nona. “Não para nós.”

A resposta é mais silenciosa, mais profunda. Menos angustiada. Lukas Blomqvist está de pé na frente de Pen, peito nu e braços cruzados, um par de óculos em volta do pescoço e um boné balançando nos dedos. Ele deve ter acabado de sair do treino, porque ainda está pingando. A leve carranca entre os olhos é difícil de interpretar — pode ser uma olhar furioso, ou rosto de sueco descansando. Não consigo entender o que ele está dizendo, mas não importa, porque Pen o interrompe.

“... não há razão para isso, se . . .”

Outra resposta rica e grave. Eu recuo. Essa conversa não é para mim. Eu não preciso *tanto de uma toalha*.

“É para o melhor.” Pen se inclina para mais perto. “Você sabe que é.”

Blomqvist inala profundamente, e seus ombros brilhantes se erguem, fazendo-o parecer ainda mais alto. Percebo a tensão em sua mandíbula, a curvatura repentina de sua cabeça, o acúmulo de músculos em seu braço.

Ameaçador. Ameaçador. Assustador. É isso que ele é. Ao lado dele, Pen parece pequeno e chateado, e meu cérebro clica em um novo modo.

Não poderia me importar menos se é da minha conta. Chego mais perto, olhos semicerrados em Blomqvist. Meus dedos tremem, então eu os fecho em punhos ao meu lado, e mesmo que ele seja provavelmente quatro vezes mais forte do que Pen e eu juntos, mesmo que seja uma péssima ideia, pergunto: "Pen, está tudo bem?"

CAPÍTULO 3

MA VOZ DE Y RICOCHETA CONTRA O PISO DE AZULEJOS. PEN E Lukas olham para mim, igualmente surpresos.

Engulo em seco e me forço a perguntar novamente: "Você precisa de alguma coisa, Pen?"

"Vandy? Eu não sabia que você era—" Sua boca se curva em uma inclinação intrigada. Então a maneira desconfiada que estou olhando para Lukas deve ser registrada, porque seus olhos se arregalam e seus lábios se abrem. "Oh meu Deus, eu... oh, não. Não, ele não era—nós éramos apenas..." Ela solta uma risada ofegante e se vira para seu namorado para compartilhar sua diversão com o mal-entendido.

Mas o olhar de Lukas permanece em mim. "Está tudo bem, Scarlett", ele diz. Não estou exatamente inclinado a acreditar nele, mas ele não parece defensivo, ou irritado, ou mesmo bravo com minha suposição óbvia de que ele é um perigo para Pen.

Além disso, ele parece saber meu primeiro nome. Embora eu seja Vandy para toda a comunidade esportiva desde os meus seis anos. Fascinante.

"Eu não queria me intrometer", digo, sem arrependimento. Talvez eu seja hipersensível quando se trata de situações como essa — ok, sou um monte de hipersensibilidades em um sobretudo — mas tenho meus motivos, e eu prefiro fazer papel de boba e pecar pelo excesso de cautela do que... qualquer que seja a alternativa. "Só para ter certeza de que—"

"Eu sei," Lukas diz calmamente, aquele olhar azul ainda fixo no meu. "Obrigado por cuidar de Pen."

O elogio suave em seu tom faz minha mente ficar curta por um segundo. Quando me recupero, ele está dando um aperto afetuoso no ombro de Pen e passando por mim. Sigo o jogo de músculos em suas costas largas até que ele vira a esquina, o cabelo de bebê secando em sua nuca, os contornos de tinta preta ondulando em seu ombro esquerdo e torcendo seu braço. É uma manga cheia, mas não consigo entender direito. Árvores, talvez?

"Merda", diz Pen.

Olho para trás. Encontro-a limpando a mão no rosto.

Eu *definitivamente* exagerei. "Desculpe. Eu não estava tentando ser intrometida—"

"Não é você, Vandy." Seus olhos verdes estão brilhantes, a um fio de cabelo de transbordar. Eu estava totalmente disposto a ser o escudo de carne de Pen se chegasse a isso, mas fazê-la parar de chorar? Duvido que eu consiga fazer isso.

"Você... quer que eu ligue para Victoria?" Ambas são veteranas, e ela é a melhor amiga de Pen no time. Não é uma grande piscina: as gêmeas são muito absortas uma na outra, e eu mal estou por perto. "Ou eu poderia pedir para Lukas voltar?"

"Me chamar para quê?" Victoria aparece — óculos de aviador, por dentro. Smoothie roxo. Aquele mullet escuro e encaracolado que deveria ser uma aberração, *espetacular* nela. "Eu disse a você, não serei cúmplice do assassinato de mais nenhuma aranha — o que...?"

Tudo acontece tão *rápido*. As lágrimas de Pen irrompem livremente. O suspiro escandalizado de Victoria. As vozes do time de polo aquático, enchendo o corredor. Antes que eu possa me desculpar do que diabos está acontecendo, nós três estamos correndo para uma sala de equipamentos.

A porta se fecha firmemente sob as costas de Victoria. "O que diabos aconteceu? "

Ela alterna olhares para Pen (com preocupação) e para mim (com... assassinato?), e sinto uma repentina faísca de compaixão por Lukas. Talvez as pessoas *não deveriam* sair por aí olhando indiscriminadamente para os outros, afinal.

“Eu estava brigando com Luk.” Pen enxuga a bochecha com as costas da mão.

“Aww, querida. Sobre o quê?”

“Vou dar um pouco de privacidade para vocês”, murmuro, alcançando a maçaneta.

Os dedos de Pen fecham-se em volta da minha mão. “Não, fique. Não quero que pense que Luk poderia...” Ela respira fundo. Eu me mexo nos meus pés e penso com saudade no vestiário, na banheira de sal Epsom, numa fábrica de bonecas de porcelana assustadora — *em qualquer lugar*, menos no aqui e agora. “Ele nunca poderia ser violento ou mau. Ele é a melhor pessoa que eu já... Nós apenas estamos no processo de...”

“Oh, Deus. Isso é sobre toda essa coisa de término?” Victoria pergunta. Significativamente *menos* gentilmente.

Não é da minha conta. Não é da minha conta. Intensamente não é da minha conta.

Mas Pen concorda, chorando.

“Escuta.” Victoria suspira, como se elas já tivessem superado isso. “Querida. Querida. Eu entendo, você e Lukas estão juntos desde que vocês tinham, tipo, doze anos—”

“Quinze.”

“—e estouraram as cerejas um do outro e agora você está se perguntando, como seria um pau incircunciso?”

Um fungado. “Na verdade, na Suécia a maioria das pessoas não—”

“TMI. O ponto é—que porra você está fazendo?”

Sempre achei a franqueza de Victoria deliciosa, mas isso parece um pouco duro. E Pen pode concordar, porque o choro se transforma em uma carranca. “Você deveria estar do *meu* lado.”

“Eu sou. Como alguém que está do seu lado *e* está na cena de namoro pelos últimos dois anos, estou lhe dizendo, você não quer perder esse homem. Existem muitos babacas por aí, e Lukas é um cara inteligente, decente e gostoso que abaixa o assento do vaso sanitário e ainda não contraiu a doença francesa. Isso é muito mais raro do que você pensa.”

“Mas eu não estou feliz. E ele também não está conseguindo o que quer desse relacionamento.”

“Pen. Vamos lá. Se ele te disse que está bem em não fazer essas coisas—”

“Ele está se acomodando. Assim como eu estou me acomodando. Se ficarmos juntos, vamos nos casar, ter uma casa no subúrbio e dois filhos bilíngues, que eu não consigo entender, e sempre vou me perguntar o que perdemos. Não vou saber como é ser jovem e livre, e ele vai ficar amargo porque teve que desistir de toda essa merda pervertida, como bater nas pessoas, amarrá-las e dar ordens a elas sobre o que fazer.”

Eu congelo. Eu realmente não deveria estar aqui, mas não posso ir embora, porque meus pés pesam um milhão de libras, e cada gota de sangue no meu corpo está fluindo para cima para ficar pendurada nas minhas bochechas.

“Eu entendo.” Victoria está exasperada. “Mas você precisa decidir—”

Uma batida forte na porta. Todos nós nos sobressaltamos. “Ei? Tem alguém aí?”

Victoria grita: “Sim, espere um segundo!”

“Deixei minha bolsa de equipamentos lá, então se vocês pudessem levar sua orgia para os chuveiros...”

Victoria revira os olhos, mas abre a porta. Passamos pela Gear Girl — Victoria, com uma expressão desafiadora; Pen, enxugando lágrimas residuais; eu, teimosamente me recusando a fazer contato visual. A conversa pode ter sido retomada, mas os gêmeos estão vindo em nossa direção. "Onde vocês estavam?", Bella pergunta. Eu entro em pânico, mas Victoria inventa algo sobre uma camurça desaparecida na hora, porque para ela mentir não requer dois ou três dias úteis de preparação cuidadosa, e todos nós vamos nos aquecer, como uma grande família feliz.

Ainda estou corado. Ciente do meu pulso. Engrenagens giram no meu crânio. Tudo o que consigo pensar é: Pen sempre foi *tão* amável comigo.

Depois da minha terceira cirurgia, quando Barb não aguentou mais do que um semana de folga sem colapsar o campo da medicina, Pen aparecia para me checar todos os dias. *Para ter certeza de que sua colega de quarto malvada não está fazendo cintos com sua pele*, ela dizia com uma piscadela, mas ela é uma pessoa naturalmente atenciosa. E houve a vez em que ela se sentou comigo depois da minha primeira competição dupla, para me lembrar que algumas entradas chamativas não me tornavam um mergulhador ruim, que às vezes estamos muito em nossas cabeças, que ela também passou por isso — aquela sensação caótica e exagerada que faz a plataforma parecer uma corda bamba e transforma seu corpo em um narrador não confiável. Aquele momento em que seu foco se dissolve em pânico, e o mergulho é irreparavelmente fodido antes mesmo de começar.

Significou muito para mim, no outono do primeiro ano. Tudo era novo, cru e grande demais, mas Penelope Ross, medalhista mundial e pan-americana, campeã da NCAA, segurou minha mão e me disse que sentia o mesmo que eu.

Penso nisso durante o Pilates, e o treinamento em terra firme, e enquanto subo os degraus infinitos da torre de mergulho. Penso nisso enquanto alongo cada músculo que possuo, com cuidado especial para meu ombro sensível e idiota, aquele que todos os meus médicos insistem que está curado, mas nos meus pesadelos se estilhaça como uma taça de champanhe pelo menos duas vezes por semana.

Quando o treino acaba, eu já tomei uma decisão. E enquanto o resto do time conversa no vestiário, eu caminho até o lado dela, respiro fundo e pergunto: "Podemos ir tomar um café depois disso? Só você e eu."

CAPÍTULO 4

EU PENSEI QUE PODERIA SER DIFÍCIL DIZER EM VOZ ALTA, PRINCIPALMENTE PORQUE eu nunca disse, não para ninguém que não estivesse... *intimamente* envolvido no assunto. Mas as palavras fluem de mim, tão suaves quanto um mergulho perfeito. Sem soluços, sem gagueiras, apenas um corte afiado como uma faca na água ondulante. Imagino um painel de sete juízes sorridentes, levantando várias pranchas de dez perfeitos em uníssono.

Pontos completos, Sra. Vandermeer. Esta divulgação de seu histórico sexual foi executada de forma impecável. Agora vá para o chuveiro .

Não vou mentir, estou me sentindo muito orgulhosa. Infelizmente, Pen não está impressionada. "Você curte *isso* ?" Ela pisca e olha ao redor do Coupa Café. As aulas começaram esta semana, e o campus está muito lotado. Alças de mochilas enroladas em ombros bronzeados, garrafas de água com adesivos, uma nova turma de calouros que vem em duas versões: invencíveis e aterrorizados. Comecei com a primeira, mas meu deslize para a última foi *rápido* .

Pen coloca os cotovelos na pequena mesa de madeira, satisfeita com nosso nível de privacidade. "Você curte o que Luk curte."

"Bem, não tenho certeza sobre isso."

"Mas você disse...?"

"Existem muitas, *muitas* facetas no kink e no BDSM. "

"Certo."

"Eu nunca falei com Lukas antes desta manhã. Não tenho ideia do que ele gosta."

"Devo te contar? Ele—"

"Eu—não, isso não é..." Eu limpo minha garganta. Começando a ter alguns arrependimentos aqui. "Isso está além do, hum, escopo desta conversa."

"Ah."

"Você não deveria se sentir na obrigação de explicar o que vocês... mas eu estava lá" — *sem querer* — "quando você e Victoria estavam discutindo o assunto, e ela parecia estar dando um ouvido um pouco menos que, hum, simpático—"

"Hall da Fama – um eufemismo digno. Por favor, continue."

"Eu só queria me oferecer como um recurso, como alguém que tem experiência em... isso."

"E 'isto' seria . . . ?"

"Um relacionamento estabelecido em que apenas uma das partes está interessada em kink. Descobrir algo que ambos possam aproveitar e que possam consentir afirmativamente. Se é isso que você quer, é claro," acrescento com um pequeno sorriso.

Ela se inclina para trás na cadeira para me estudar, e eu sei o que ela está vendo: cabelo escuro e úmido, olhos escuros cautelosos, histórico sexual inesperadamente obscuro. Nunca me preocupei muito com o que me excita — ela poderia me dar um tapa em uma lâmina de microscópio e me rotular como *Sexual Deviant* , e eu nem piscaria. Ainda assim, é legal ver mais curiosidade do que julgamento na inclinação de sua cabeça.

"Luk quer estar no comando. É isso que você quer também, ou . . . ?"

Eu balanço a cabeça. "O oposto, na verdade."

"Ah." Ela enrola um dedo em uma mecha de cabelo castanho-avermelhado. A coloração de Pen foi a primeira coisa que notei nela, de volta ao circuito universitário. Quão incrivelmente bonita ela era — generosa também. Em competições, entre os mergulhos, os atletas geralmente

evitam olhar uns para os outros. Não Pen, no entanto. Sempre um sorriso gentil. Nunca arrogante, embora ela sempre esteve à frente na nossa faixa etária, aos trancos e barrancos. A porta-bandeira nas Olimpíadas Júnior. Ela mergulhava com cabelo rosa, depois azul. Pulseiras da amizade feitas por seus fãs. Arte nas unhas. Eu a achava incrivelmente legal. Nunca deixarei de *me* sentir intimidada por ela, pelo menos um pouco.

“Como você descobriu isso?”

“Como eu descobri...?”

“Que você estava a fim.”

Um cara que se parece muito com o assistente técnico fascista do Dr. Rodriguez, aquele que tirou um ponto da minha prova final de orgo por escrever a data errada, passa por perto. Aposto que ele adoraria uma bronca. "Eu sempre soube, até certo ponto. Quer dizer, eu não estava navegando no eBay em busca de ofertas de máscaras de PVC no ensino fundamental, mas quando me tornei, hum, consciente e interessado em sexo, sempre tive... fantasias. Ideias." Dou de ombros e não acrescento: *Parecia certo. Parece certo* .

“Entendo.” Pen concorda, pensativa. “E como você acabou, na verdade, você sabe, *fazendo* isso?”

“Meu namorado do ensino médio e eu namoramos por cerca de três anos.” Eu pulo a parte em que éramos vizinhos, depois melhores amigos na sétima série, depois nos apaixonamos. Eu confiava nele, e foi uma conversa fácil, tão fácil quanto todo o resto com Josh. Tudo, exceto por aquele telefonema durante o primeiro ano. Seu tom contido quando ele explicou, *Não é só por causa dela... honestamente, a distância é muita. E talvez nossas personalidades sejam muito diferentes para que isso dure?* Essa, tinha sido difícil. “Eu disse a ele no que eu estava interessado.”

“E ele... ele também estava interessado?”

Eu trabalho com a frase perfeita. “Não nas mesmas coisas. É por isso que pensei que minha experiência poderia ser relevante para você e Lukas.” Porque Lukas Blomqvist é pervertido. Lukas “medalhista de ouro olímpico, queridinho do mundo da natação, tesouro escandinavo recordista” Blomqvist. O que *é* a vida?

“E como você abordou a situação?”

“Eu disse a ele o que eu achava que poderia ser quente. Josh fez o mesmo. Nós com referências cruzadas.” O diagrama de Venn resultante não incluiu muita coisa, mas ainda assim.

“Isso é tão *Cinquenta Tons*, Vandy.”

“Certo?” Nossos olhos se encontram, e compartilhamos um sorriso diante da improbabilidade de tudo isso. Mas ela parece muito mais à vontade.

“Você poderia explicar por que você gosta de deixar outra pessoa assumir o comando?”

Eu faria? "São muitas coisas misturadas." A facilidade de pré-negociar uma interação social. Ter, pela primeira vez, instruções específicas. O silêncio estável no caos sem fim do meu cérebro. A satisfação de fazer algo certo, de ouvir isso. Desconectar-me do resto do mundo e seguir o fluxo. E sim: não sei *por que* sou assim, mas dor e prazer sempre se misturaram na minha cabeça, e é bom quando alguém em quem confio belisca meus mamilos. É simples *assim*, às vezes. "Para mim, é sobre liberdade."

Ela bufa. “A liberdade de... ter alguém lhe dizendo o que fazer?”

“Eu sei que parece contraintuitivo, mas geralmente estou pensando demais em algo. Tentando desesperadamente evitar estragar tudo e entrar em pânico.” *Estou ocupando muito*

espaço? Te entediando? Te decepcionando? Você preferiria estar em outro lugar, com outra pessoa? “Sobrecarregado pelo fardo de me perguntar se estou fazendo certo.”

“Fazendo o quê certo?”

Eu rio. “Nem tenho certeza. Sexo, mas também, mais em geral, ser um humano?” Eu dou de ombros, porque esse é o problema, não é? Não existe uma maneira certa ou errada de existir. A vida real não vem com um manual de instruções. Felizmente, o sexo pode. Meu tipo de sexo. “Se alguém com quem me sinto segura está me orientando...”

“Você gosta da estrutura.”

“Essa é uma boa maneira de colocar isso.” Eu sorrio. “Não posso falar por Lukas, ou pessoas no lado mais... *dominante* dela.” A palavra oscila bizarramente entre nós. A verdade é que eu também não me sinto totalmente confortável distribuindo termos BDSM. Como qualquer outra comunidade, eu carrego uma variedade de dúvidas sobre se eu tenho o que é preciso para realmente pertencer. Rótulos têm que ser conquistados, e meus bolsos sempre parecem vazios demais para pagar. “Mas claramente eles ganham algo com isso.”

“Claramente. Você e seu namorado ainda estão juntos?” Seu olhar se aguça. “Sinto que sei tão pouco sobre você.”

Que coincidência. Eu também sei muito pouco sobre mim . “Nós terminamos.”

“E o cara que você está vendo agora...?”

“Não estou. Saindo com alguém, claro.”

“Mas isso não é por causa do que você gosta?”

“Na verdade, não.” Pelo menos, não totalmente. O que eu gosto de dizer a mim mesma e a quem pergunta — Barb, principalmente — é que estou muito ocupada e motivada pela carreira para namorar. Mas minha fase celibatária já dura tanto tempo que não tenho certeza se ainda é voluntária, e prefiro não mencionar que, depois do que aconteceu com meu pai, pode ser perturbador estar perto de homens.

“Eu suspeito que não deveria perguntar assim, mas eu realmente não tenho a mínima ideia de como expressar isso, então eu vou apenas... Seu ex te machucou? Durante o sexo, quero dizer.”

Eu concordo. “Às vezes. Um pouco.”

“E você estava bem com isso?”

“Absolutamente. Tudo foi pré-acordado. Nós constantemente checamos um com o outro e tínhamos uma palavra segura.”

“Meu Deus, então *Cinquenta Tons* . Isso já fez você se sentir...?”

“Sentir o quê?”

“Como se você estivesse jogando setenta anos de feminismo no vaso sanitário?” Seu rosto se contorce em uma careta de culpa, mas não é nada que eu já não tenha me perguntado.

“Para mim, escolher ser sexualmente submissa tem pouco a ver com igualdade de gênero. E não estou abrindo mão dos meus direitos. Josh sempre parava quando eu pedia para ele — e vice-versa.” Dou de ombros novamente. “Eu entenda o quão vulnerável pode ser, discutir essas coisas. Para você. Para Lukas, até. Além disso, pessoas pervertidas às vezes têm essa má reputação, como se fôssemos intrinsecamente agressivas ou predatórias—”

“Eu sei que você não é,” ela se apressa, palmas abertas. “Eu não sou puritana, eu juro. Eu não acho que Luk seja distorcido ou perturbado por querer isso.”

Meu alívio é genuíno. “Bom.”

“É mais que *eu* não estou a fim disso.”

“Isso é absolutamente sua prerrogativa.” Eu coço a parte de trás do meu pescoço, onde esqueci de passar loção antes de mergulhar. Olá, erupção cutânea de cloro, meu velho amigo. “E se você disse ao Lukas que não está interessado em explorar essas dinâmicas sexuais e ele está insistindo nisso, isso é um *grande* sinal de alerta de que—”

“É isso, ele *não é*. Nós tentamos. Porque era... bem, era óbvio que ele queria. Então eu ofereci.” Ela envolve sua mão em volta de seu café com leite gelado intocado, mas não toma um gole. “Eu simplesmente odeio isso. Ser mandada. Pedir permissão. Eu já tenho o comentário incessante do treinador Sima sobre minhas técnicas de mergulho zumbindo no meu ouvido — eu não quero ouvir 'Você está fazendo isso ou aquilo tão bem, Pen' enquanto estamos transando.” Ela revira os olhos. “Que *besteira paternalista*. Sem ofensa.”

Essa é, talvez, a coisa *menos* identificável que alguém já me disse. “Não aceito. Você disse a ele que não gostou?”

“É. E ele parou imediatamente. Nunca mais tocou no assunto. Mas ele ainda quer. Eu sei que ele quer.”

Essa conversa está tomando um rumo que é menos Kink 101, mais coluna de conselhos sexuais *da GQ*. Posso estar fora da minha profundidade. “Então ele tomou a decisão consciente de colocar seu relacionamento com você *e* seu bem-estar antes de suas preferências sexuais, o que é louvável—”

“É *estúpido*.” A palavra é um sibilo sibilante e frustrado. Ela se inclina para mais perto, seus olhos novamente aquele verde líquido. “Eu o amo. Eu realmente amo. Mas...” Um movimento em sua garganta. Sua postura se endireita. “Eu quero outras coisas também. Quero ir a uma festa e flertar livremente. Quero ser paquerada sem sentir que estou traindo alguém. Quero me divertir.” Uma respiração profunda. “Quero dormir com outras pessoas. Ver como é isso.”

Tudo parece tão divertido quanto raspar minhas axilas com um abridor de latas. Mas Pen não sou eu. Pen é extrovertido e engraçado. Pen tem equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Pen sabe o que fazer e quando fazer. Todo mundo gosta de Pen. “Como Lukas se sente sobre isso? Ele está bravo? Ou com ciúmes?”

Ela revira os olhos. “Luk é muito autoconfiante para sentir algo tão baixo assim.”

Não saberia como *é isso*. “E você? *Você* ficaria com ciúmes se ele dormisse com outras pessoas?”

“Na verdade, não. Lukas e eu temos uma história. Nós nos amamos. Honestamente, mesmo se terminarmos, suspeito que nos encontraremos no futuro. Nós meio que fomos feitos um para o outro.”

De onde essas pessoas tiram suas reservas inesgotáveis de confiança? De um pote no fim do arco-íris? “Destinado a ser... exceto pelo sexo 'meh'?”

“Não é — o sexo é bom.” Pela primeira vez nessa conversa que vale a pena ficar vermelha, Pen fica vermelha. “Luk é — ele é muito obstinado. É mais que —” O telefone dela vibra, sacudindo a mesa inteira. Pen olha para ele uma vez, no meio da frase, distraída. Então, novamente, demorando. “Porra.”

“Está tudo bem?”

“Meu grupo de estudo de Comércio Internacional. Esqueci que estamos nos reunindo.” Ela salta da cadeira e rapidamente junta suas coisas. Inala seu café com leite gelado em tempo recorde e joga o copo na lixeira de reciclagem. “Sinto muito. Isso é tão rude, descarregar em você por vinte minutos e—”

“Sem problemas. Faça o que tem que fazer.”

“Ok. Merda, tenho que correr até a casa da Jackie.”

Sua voz desaparece quando ela sai correndo do café, e eu fico sozinho, contemplando a pura *estranheza* da tarde, a pura *idiotice* de me colocar nessa situação, a pura *impenetrabilidade* do relacionamento entre Penelope Ross e Lukas Blomqvist.

Então Pen corre de volta para dentro e para perto da minha cadeira. “Ei, Vandy?”

Eu olho para cima. “Você esqueceu alguma coisa?”

“Eu só queria dizer...” Seu sorriso se alarga. Isso me ajuda a perceber o quão tensos seus sorrisos anteriores foram. “Obrigada por reservar um tempo para falar comigo. Por ser legal e não julgar. Estou feliz que vocês estejam todos curados e de volta ao time.”

Mal consigo concordar, e então ela sai correndo, me fazendo pensar se mais alguém já disse a palavra *“legal”* em relação a mim.

CAPÍTULO 5

BNA SEMANA SEGUINTE, ESTOU COMEÇANDO A VER O ESTADO DO MEIO ACADÊMICO.

A composição em inglês não é impossível (meu professor não se importa se minhas opiniões são válidas, apenas que eu as defenda com todo o meu peito). Psicologia, não tão indecisa quanto eu pensava originalmente (há um método para a loucura do comportamento humano). Biologia computacional é moleza (mesmo que o olhar furioso e perene do Dr. Carlsen *seja* um pouco perturbador). E então tem o alemão. Um pântano homicida e cheio de tentáculos, infestado de tubarões, tarântulas e currywurst consciente pronta para me mutilar.

“Não há programas de tutoria para pessoas que são... menos dotadas quando se trata de idiomas?”, Barb pergunta durante nossa ligação semanal, depois que eu expus meu discurso de propaganda antigermânica por trinta minutos de desespero.

“Nada funciona com a minha agenda. Eu deveria ter agendado ajuda antes.” Como no útero. “Mas acho que vou ficar bem.” Tirei dois de dez para a primeira tarefa e três para a segunda. Viva as tendências ascendentes.

“Tenho certeza que você vai, Scar.” Depois que ela deixou papai, depois da batalha real que lhe rendeu a custódia de mim, depois que nossas vidas se tornaram *nossas*, Barb nos mudou para St. Louis, onde ela comanda a divisão de cirurgia ortopédica como um estado-nação autocrático. O trabalho dela é incompreensivelmente arriscado, paga a ela uma quantia quase enjoativa de dinheiro e a mantém tão chocantemente ocupada que um dos meus professores do ensino fundamental suspeitou que eu era um fugitivo vivendo secretamente sozinho.

Ela é, sem dúvida, a razão pela qual eu quero ser médica. Um pouco clichê, eu sei, mas não veio completamente do nada. Sempre gravitei em direção à ciência, mas foi só quando comecei a fazer meu dever de casa no consultório de Barb que percebi o quão admirável é o trabalho dela. Como ela faz a diferença. A amplitude de seu conhecimento e a profundidade de seu cuidado.

“Por que a Dra. Madden ou a Dra. Davis não podem cuidar do seu paciente?” Uma vez eu reclamei quando ela disse que não poderia vir ao meu encontro.

“Porque” — ela abaixou a voz para um sussurro — “o Dr. Madden é um babaca — um *ânus*, e o Dr. Davis é tão espetacularmente incompetente que nunca tenho certeza se ele está torcendo pelo paciente ou pela doença. A Sra. Reyes está com dor há muito tempo. Ela merece ser tratada por alguém que não seja medíocre e que a leve a sério. Você concorda?”

Eu tinha quatorze anos na época, mas fazia todo o sentido. Não só eu tinha orgulho de quão incrivelmente durona Barb era, mas eu não queria nada mais do que ser uma médica não medíocre que levasse as pessoas a sério.

E agora, aqui estou eu. Sonhando acordado com a insuficiência hepática para escapar do MCAT.

“A propósito”, Barb me conta, “conheci o treinador Kumar outro dia”.

Eu estremeço. Ele é meu treinador do ensino médio. “Como ele está?”

“Bom. Ele mandou lembranças. Perguntou-me sobre você.”

“E você mentiu e disse a ele que eu sou doze vezes campeão da NCAA e tenho esperança olímpica?”

“Eu pensei nisso, mas então me lembrei de que há registros públicos dessas coisas. Tipo, online. Uma busca no Google de distância. ”

Eu suspiro. “Ele está mortificado? Estou desonrando meu antigo clube?”

“O quê? Não. Você não é uma advogada de defesa de colarinho branco na folha de pagamento dos Sacklers, Scarlett. Você teve uma lesão grave. Todo mundo está torcendo por você.”

Mal posso esperar para decepcioná-los mais uma vez . “Como está o amor da minha vida?”

“Atualmente ocupada com sua lambida de lixo pré-agendada.”

“Negócios importantes.”

“Espere, acho que ela quer falar com você.”

Pipsqueak, a mistura de husky e pug que já apareceu no Facebook Marketplace por causa de "um temperamento ruim" (mentiras, calúnias) e "um hábito inquebrável de andar de patinete" (ainda não quebrado), uiva seu amor por mim e tenta lambar meu rosto por cima do telefone de Barb. Falo com ela como um bebê por quinze minutos e depois saio para o treino.

É pré-temporada, o que significa condicionamento. Refinamento de habilidades. Decolagens, entradas, posições corporais, rotações, correções — horas na academia, no poço de mergulho, na sala de musculação e, então, mais horas em casa, na aula, na cama, a preocupação incômoda de que todo esse treinamento não será *suficiente* cutucando o fundo do meu crânio.

Sou um bom atleta. Já gravei meus mergulhos no TiVo vezes o suficiente para saber disso. Meu corpo está forte e saudável finalmente. Minha mente...

Minha mente me odeia, às vezes. Especialmente quando estou em uma plataforma, dez metros acima do resto da minha vida.

Porque dez metros é *alto* , mas as pessoas não percebem o quão alto é até que elas precisem de mais de cinquenta degraus para subir uma torre. Elas chegam ao topo, olham para baixo e de repente sentem aquela sensação de enjoo no estômago. É um prédio de três andares. Uma McMansão inteira, se estendendo entre você e a água. Muitas coisas podem acontecer em dez metros — incluindo um corpo acelerando a trinta milhas por hora, e a água se tornando tão difícil de quebrar quanto a casca de ovo mais dura do universo.

Na plataforma, as punições são rápidas e implacáveis. Espaço para erro, inexistente. Um mergulho ruim não é apenas desajeitado e humilhante — um mergulho ruim é o fim da carreira de um atleta. Um mergulho ruim é o último mergulho.

"A piscina fecha às oito, mas vá com calma, Vandy", grita o treinador Sima para mim.

Eu sorrio, as palmas das mãos rentes à borda áspera, e lentamente levanto minhas pernas em uma parada de cabeça. Meus ombros, núcleo, coxas, todos eles doem daquele jeito bom e cerrado que significa *controle* . Eu fico ali, uma linha reta perfeita, só para provar a mim mesmo que sou capaz disso. Eu tenho o que é preciso. É um alívio, ver o mundo redimensionado. Libertar o quão insignificantes todos os outros parecem daqui, pequenos e irrelevantes.

“Sem pressa nenhuma! Não estou entediado até a morte aqui!”

Eu bufo e deixo o resto do mergulho fluir para fora de mim: pique. Meia torção. Um salto mortal. Outro. Entro na água com apenas um punhado de bolhas. Quando ressurjo, o treinador está agachado ao lado da piscina. "Vandy."

Eu me levanto na beirada, segurando meu ombro. Não dói. Não sangra. Ainda intacto. "É?"

“Isso é material da NCAA.”

Eu espremo água da minha trança.

“O problema é que esse não é o mergulho que pedi para você fazer.”

Olho em volta. Onde joguei meu xale?

“Vandy, olha pra mim.”

Eu faço. Eu tenho que fazer.

“Você pode continuar fazendo seus mergulhos de apoio emocional, sim. Mas temos outros problemas nos quais precisamos nos concentrar.” Ele bate no ponto entre meus olhos com os nós dos dedos, como se estivesse inspecionando cocos no mercado. “Você tem que trabalhar no que está aqui.”

"Eu sei."

"Então faça o que eu digo e não mude o maldito mergulho quando estiver lá em cima." Ele suspira e balança a cabeça. "Está tudo bem, garoto. Temos tempo. Vá se trocar. Vocês todos estão vindo hoje à noite." O churrasco. Tradição anual de formação de equipe. Ele pisca para mim, pés de galinha multiplicados por um fator de dez. "Não há festa como uma festa do treinador Sima. "

Tragicamente verdade. Porque uma festa do Coach Sima é obrigatória.

Vou para o vestiário, dando uma última olhada no salto para frente que as gêmeas estão praticando juntas no trampolim. Eu também costumava fazer mergulho sincronizado em St. Louis, mas somos apenas cinco no time de Stanford, o que me torna a garota estranha. Bella e Bree competem juntas (duas atletas que simultaneamente fazem exatamente o mesmo mergulho e parecem idênticas? Os juízes engolem essa merda). Pen e Victoria são parceiras há três anos e têm uma boa relação acontecendo. Talvez no ano que vem uma nova recruta faça dupla comigo. Ou talvez eu morra sozinha em um vale de lágrimas, segurando cartões de memória alemães de presente perfeito. Quem pode dizer?

Pego uma carona para os Simas com Victoria, que passa o tempo me atualizando sobre um caso humano recentemente confirmado de peste bubônica. Somos os últimos a chegar lá e os únicos dois perdedores a aparecer sem um acompanhante. "Adorei esse gostinho de como serão meus Dias de Ação de Graças pelos próximos cinquenta anos", ela resmunga, colando um sorriso no rosto e estendendo a mão para abraçar a Sra. Sima.

Eu converso com Leo, o filho de treze anos do treinador, que é tão desajeitado quanto eu, até que ele finge lembrar de uma lição de casa pendente e volta para dentro de casa. Então eu vou em busca de algo para beber — e bato em uma parede.

E por muro eu quero dizer Lukas Blomqvist.

Quando se trata de nadadores universitários da DI, ele não se destaca muito. A maioria deles é alta. A maioria deles é musculosa. Muitos deles são bonitos. Suas proporções — ombros largos, braços e tronco longos, mãos e pés enormes — são basicamente um desenho instrucional. Ou seja: não é por causa de sua *aparência* que meus pensamentos param.

“Desculpe.” Sou fisicamente incapaz de produzir um sorriso. Paresia temporária do nervo craniano VII. Mas está tudo bem, porque ele também não sorri.

Seus olhos me prendem no lugar. “Sem problemas. ”

Ele tem uma voz agradável, profunda e ressonante. Familiar, mas apenas vagamente, como um anúncio no meio de um podcast: já ouvi antes, mas ignorei. Deve ser um subproduto de sua órbita na periferia da minha vida nos últimos dois anos, já que a piscina onde os nadadores treinam fica do outro lado do poço de mergulho.

“Onde você conseguiu isso?” Aponto para uma bebida esportiva que parece estranhamente do tamanho de uma criança na mão dele. Ele gesticula com o queixo para um cooler que eu poderia facilmente ter localizado sozinho. Se eu não fosse um idiota. “Certo. Obrigado.”

Lukas acena, apenas uma vez. Eu me pergunto se ele veio com Pen, se eles acabaram resolvendo seus problemas, mas ela não está em lugar nenhum. Ele e eu estamos, meio

hilariamente, ambos vestindo jeans e as mesmas camisetas cinzas de Stanford Swimming and Diving — exceto que ele está *descalço*. *Por que* ele está descalço no quintal do meu treinador? Além disso, por que ele está me encarando? Por que eu estou olhando de volta?

Não consigo desviar o olhar, e acho que é por causa dos olhos dele. Eles são estudiosos. Focados. Discados. Sobrenaturalmente azuis. Em algum lugar no Mar Báltico, um bacalhau espirra em um pedaço de água daquela cor precisa, e—

Pen contou a ele sobre *mim*? Pen contou a ele que ela *me contou* sobre *ele*? É por isso que Lukas parece tão... Eu não sei. Curioso? Absorvido? *Algo* ...

“O que você estava dizendo sobre o Aberto da Suécia, querida?”, pergunta a Sra. Sima. Lukas se vira para ela, e percebo que caí bem no meio da conversa deles. Ou, mais provavelmente, do interrogatório dela com Lukas. Já fui alvo de alguns desses ao longo dos anos, e eles não são nada fáceis. “Quando isso vai acontecer?”

“Ano que vem. Na semana após o NCAAs.”

“Oh meu Deus. E você vai precisar comparecer para se qualificar para as Olimpíadas de Melbourne, certo?”

“Não depois do campeonato mundial.” Ele tem sotaque, nisso fraco, jeito norte europeu. Não tenho certeza de quais letras ele cobre, mas ocasionalmente eu o percebo.

“Certo, no começo deste ano. E você ganhou isso, então você vai oficialmente para a Austrália no ano que vem?”

Ele assente, indiferente, como se ser um atleta olímpico não fosse grande coisa. Seu rosto é... aquele maxilar me faz pensar em penhascos de mergulho, e a covinha em seu queixo — merda de astro de cinema de livro didático. Ele poderia ser o Capitão América.

Capitão Suécia. Tanto faz.

“Isso é fantástico, querida. Agora, espero que Penelope se classifique também. Ela *foi* bronze nos jogos Pan-Americanos no verão passado, mas com tantos erros.” Típico comentário da Sra. Sima. Ela adora insinuar que o time de mergulho é um bando sem talento, cronicamente indigno das habilidades de treinamento do marido. Eu a desafiaria nisso, mas quando se trata de mim, não tenho certeza se ela está errada.

Lukas, felizmente, não tem tais escrúpulos. “Ela ainda estava se recuperando de uma lesão.”

“Oh, sim. Sim, claro.” Uma risada nervosa. “Bem, ainda assim. *Você* ganhou todas as suas corridas, não é?”

Sua resposta é um grunhido evasivo.

“Aposto que sua mãe está *muito* orgulhosa de você.”

Nenhuma resposta, mas a tinta na pele de Lukas muda, como se ele estivesse flexionando os músculos. Talvez o relacionamento dele com a mãe seja tão adorável e incontestável quanto o meu com o pai?

“Ela estará em Melbourne também?”

O rosto de Lukas poderia ser um megálito na Ilha de Páscoa.

“Aposto que ela mal pode esperar para torcer por você.”

Contração repentina em seu maxilar, como se ele estivesse a uma única pergunta de distância de uma fúria. *Vamos, Sra. Sima. Leia o sueco*.

“Se fosse um dos meus filhos, eu levaria toda a minha família extensa— ”

“A propósito, Lukas”, interrompo, “Pen estava procurando por você há um minuto.”

Seus olhos fixam os meus. “Ela era.” Ele não está realmente perguntando. Ele sabe que é mentira.

“Sim.” Voe, passarinho. Seja livre .

“Com licença”, ele diz na direção geral da Sra. Sima. Eu me sirvo de um pouco de leite de coco, mas quando olho para ter certeza de que ele escapou em segurança, sua atenção está novamente em mim, e—

Talvez Pen tenha falado de mim para ele, e é por isso que ele está tão interessado. Ele quer bater um papo comigo? Desabafar? Encontrar alguém que simpatize? Ele quer uma conversa franca, de pervertido para pervertido?

Talvez eu devesse me tornar um conselheiro de casais. Boa alternativa à faculdade de medicina. Eles podem dispensar o requisito de língua estrangeira.

“O primeiro lote está pronto”, o treinador grita da área de grelha. “Todos, sirvam-se!”

Eu como meu hambúrguer de frango lentamente, silenciosamente, enquanto as conversas fluem. Pen senta na minha frente, o centro das atenções, distribuindo histórias engraçadas e sentimentos calorosos. Lukas está ao lado dela, braços cruzados sobre o peito, falando pouco, sorrindo raramente. Ele parece um cara quieto e reservado. Juntos, eles são cruelmente, desafiando a compreensão, bonitos. Eu não me considero feio de forma alguma, mas tive meus anos de aparelho e constantes espinhas, que não estão muito longe. Esses dois claramente nunca foram menos que radiantes. Difícil de engolir, realmente.

Pela primeira vez, todos no time têm mais de 21 anos. O treinador distribui sua cerveja caseira, murmurando algo sobre como esse deve ser nosso último gole de álcool na temporada. Imagino-o mexendo e fermentando na mesma banheira onde Leo descobriu a masturbação, e deixo passar. Lukas e Victoria, que dirigiram até aqui, param depois da primeira garrafa. Os gêmeos tomam duas cada e comentam o quanto são mais fortes do que a cerveja normal. Pen... Não sei. Talvez ela também não saiba. Sua risada é um pouco alta, mas ela ainda é charmosa .

Depois do jantar, vou para o pátio com Bree, Bella, Devin e Dale, onde me esforço para não demonstrar o quanto estou perplexa ao saber que dois gêmeos monozigóticos estão namorando *outro* par de gêmeos monozigóticos.

Isso foi planejado? Como eles se conheceram? Um casal encontrou o amor verdadeiro e então forçou o outro a um relacionamento? Há coisas pervertidas envolvidas? E por que estou tão curiosa sobre a vida privada de outras pessoas? Ousado de alguém que gosta de ser amarrado como uma bolsa de rede cheia de limas. É um grande alívio quando Pen cambaleia para "roubar Vandy por um segundo" e sussurra para mim: "Meio estranho, certo? Gêmeos namorando gêmeos?"

“Eu estava pensando exatamente a mesma coisa e me senti muito mal com isso.”

“Eu sei, eu também.”

“É inapropriado que isso tenha ocorrido comigo, mas se cada casal tem um filho—”

“Eles seriam irmãos fraternos!”

“Meu Deus, sim!”

Nós damos um high five como se tivéssemos decifrado o genoma humano e acabamos nos fundos da casa, em direção a um balanço que o treinador deve ter instalado quando seus filhos eram pequenos.

“Está tudo bem?”, pergunto quando nos sentamos. Eu balanço um pouco, testando a firmeza dessa configuração.

“É.” Ela ri. Seus olhos estão vidrados. “Só que a cerveja de banheiro do Coach está me afetando muito. Eu só precisava de um pouco de silêncio. Parecia que você também poderia.”

Quando não? “Quer que eu encontre Lukas e peça para ele te levar para casa?”

“Deus, essa é uma ótima ideia.” Eu faço menção de ficar de pé, mas ela me impede. Bate no celular. “Vou mandar uma mensagem para ele. Ele só veio porque eu já tinha dito ao treinador que ele viria, de qualquer forma.”

“Oh. Vocês dois acabaram...”

“Terminando? Sim. Estou livre como um pássaro.” Suas palavras são arrastadas, só um pouco. Ela não parece particularmente feliz .

“Você quer, hum, falar sobre isso?” Não tenho certeza se estou preparado para isso, mas a ideia de Pen querer confiar em mim é um peso quente e agradável no meu peito. Entre minha lesão e minha incapacidade de parar de trabalhar até atingir a perfeição (ou seja, nunca), não fiz muitos amigos na faculdade. Ou antes.

“Eu faço?” Uma risada forçada e trêmula. Então seu olhar se fixa em algum lugar além de mim e ela repete, mais alto, “Eu faço?”

Eu me viro. Lukas está caminhando em nossa direção, e meu primeiro pensamento é que ele não precisava vir aqui. Eu ia entregar Pen para ele. Na frente do carro dele.

Mas seu passo descalço nunca vacila. O sol é um halo difuso ao redor de seu cabelo curto quando ele pergunta: "Devo te levar para casa?"

Pen o observa amorosamente por um longo e lento tempo — tanto tempo que começo a me perguntar se ela está muito mais bêbada do que eu acreditava originalmente. "Vandy, você nunca conheceu formalmente meu *ex-namorado* , conheceu?"

E aí está meu *segundo* pensamento: este é claramente um término bagunçado, um término dolorido que ainda está sendo negociado. E eu não quero fazer parte disso.

“Ela fez.” O olhar impassível de Lukas voa para o meu. “Durante sua viagem de recrutamento.”

Não me lembro, mas mesmo assim aceno, feliz por não ter me levantado para apertar sua mão.

“Ah, isso é legal.” Ela dá de ombros. “É, Luk, você pode me levar ho—”

Pen para de repente, com um suspiro que se transforma em um sorriso tão maníaco que o desconforto desliza pela minha nuca. "Meu Deus, vocês. Acabei de ter a melhor ideia do universo!" Ela olha para Lukas, para mim, para Lukas novamente. Ela vai trazer à tona algo ridículo que só soa bem para uma pessoa bêbada. *Vamos ao Taco Bell. Vamos fazer trotes com nossos professores do ensino fundamental. Vamos raspar nossas sobrancelhas* . Estou procurando desesperadamente uma maneira gentil de convencê-la a não ir ao karaokê — e então parar.

Porque o que Pen realmente diz é: "Vocês dois deveriam fazer sexo!"

CAPÍTULO 6

EU SEGURE A CORRENTE DO BALANÇO COM FORÇA SUFICIENTE PARA IMPRIMIR PERMANENTEMENTE na palma da minha mão.

Olho para Pen, boquiaberto. Então me viro para Lukas, que parece tão surpreso quanto eu.

Mas ele se recupera rápido. Seus braços se cruzam sobre o peito, e o canto de seu lábio se curva para cima. "Pen", ele repreende calmamente, como se sua ex fosse uma criança rebelde. Um gatinho pego arrombando a gaveta de guloseimas. "Vou te levar para casa."

Ela o ignora. "Não, não, é *genial*!"

"É isso."

"Sim. Sim! Como você não vê? Oh meu Deus. *Claro que não vê. É porque você não sabe.*"

Ela ri e gesticula incipientemente. Suas bochechas brilham em um rosa brilhante em seu rosto limpo e esfregado depois do treino. Talvez o treinador coloque MDMA em sua cerveja? "Luk, por favor, não fique bravo, mas... eu tive que contar a Vandy sobre as coisas que você gosta. Porque estava tudo uma bagunça, e eu precisava falar sobre isso com alguém. Sinto *muito*, ok?" ela chora, embora Lukas não pareça particularmente chateado com a ideia de eu saber de seus negócios particulares. Até: "Mas aqui está a questão... Vandy gosta exatamente das mesmas coisas que você!"

E é aí que eu percebo que, não .

Pen *não tinha* contado a Lukas sobre mim. Porque ele se vira para mim e me encara *infinitamente*, lábios entreabertos, como se eu tivesse subitamente me transformado em algo novo. Algo instantaneamente compreensível para ele.

Eu o encaro de volta, incapaz de respirar.

Mesmo enquanto Pen continua, "Então vocês dois *deveriam* — bem, ninguém *deveria* fazer sexo. Mas já que somos todos solteiros aqui, pensei que . . ."

Lukas tira os olhos dos meus. "Pen," ele diz, firme, exalando uma espécie de paciência tolerante e condescendente. "Vamos."

Suas sobrancelhas se franziram. "O quê? Acho que é uma ótima ideia!"

"Claro." Lukas parece tão imperturbável que isso aumenta ativamente minha angústia. Por que *ele* não está sentindo mortificação? Estou esgotando o suprimento norte-americano? "Vou te levar para casa."

"Não! Luk, ela é isso. Ela é o *sanduíche*."

Ele suspira. Eu não sigo, então sigo.

Sanduíche. *Sub* .

Cristo. Eu *não deveria* estar testemunhando as piadas sexuais internas do casal de ouro da natação da faculdade.

"Faz sentido", ela insiste, instável em seu balanço. "Pense bem!"

"Okay. Vamos." Ele balança a cabeça como se estivesse realmente contemplando a coisa toda. "Você e eu terminamos, e uma semana depois você vem até mim com recomendações sobre *quem* eu deveria transar em seguida." Seus olhos pousam em mim. Frios. Avaliadores. "E você faz o mesmo por Scarlett. Pela bondade do seu coração."

"Eu só pensei que seria legal se todos nós pudéssemos—"

"Ficar felizmente emparelhado com nosso parceiro de foda imposto pelo governo?"

“Luk,” Pen se irrita. “Como o atual detentor de meia dúzia de recordes mundiais, você é uma figura pública reconhecível que não pode simplesmente criar um perfil em um aplicativo de namoro e escrever uma lista de desejos de coisas pervertidas.”

“Mas você resolveu o problema ficando bêbado e me oferecendo seu companheiro de equipe. Que, a propósito, não respira há mais de um minuto.”

Ele está certo. Eu respiro um pouco de ar .

“Vamos, Luk. Eu sei que você acha ela gostosa. Você disse isso.”

Silêncio.

“E eu vejo o jeito que você olha para ela.”

Uma onda de inquietação explode no fundo da minha cabeça.

“Como eu olho para ela?”

“Você *sabe* como.”

Ele cruza os braços sobre o peito. “Mais alguma coisa que eu deva saber sobre as direções futuras da minha vida sexual? Onde Scarlett e eu vamos nos encontrar? O que faremos primeiro?”

Pen salta para seus pés. Balança seu caminho até Lukas para pressionar um dedo indicador em seus peitorais.

“Luk, se você não consegue entender minha *visão* ...” Ela cai na gargalhada. “Tanto faz. Vamos para casa.” Ela passa rapidamente, mas depois de uns quinze metros ela se joga no quintal do treinador e deita de costas para tomar sol. “Gente, eu adoro essa hora do dia!”

Lukas balança a cabeça e suspira profundamente, pés longos espiando pela grama. E ali, na subida e descida de seus ombros, eu finalmente vejo. A tensão que vem com um relacionamento em desintegração. Imagino as conversas tarde da noite, as mensagens de texto incessantes, as brigas que levaram ao término.

"Ela não deveria ter me contado sobre o seu... não sem sua permissão", eu digo. "Você pode querer pedir para ela parar de fazer isso." Um pouco presunçoso, assumir que esse atleta classicamente bonito com cidadania em um país de assistência médica universal pode precisar do meu conselho. Mas eu me lembro do jeito que papai costumava ser com Barb e comigo. Como ele nos roía e arrancava até as camadas mais finas, até que o que queríamos não tivesse importância e o mundo girasse em torno dele. Não é algo que eu jamais vou tomar como garantido, a capacidade de dizer não.

“Eu não me importo”, ele diz, quase tranquilizadamente. O *não se preocupe* está implícito. Ele tem uma presença firme, calmante e que resolve problemas, o que me diz tudo o que preciso saber sobre o quão bom ele seria em... bem. Todas essas coisas que nos colocaram nessa situação mortificante para começar.

"Eu não tinha ideia de que ela diria algo assim", eu deixo escapar.

“Eu imaginei. Você parecia prestes a desmaiar.”

“Foi por pouco.”

Trocamos um sorriso cansado e suave. Só nossos olhos, na verdade. “Duvido que Pen soubesse que ela diria isso também. Ou que ela se lembrará amanhã.”

“Ainda assim... Sinto muito. Conte para Pen sobre minha experiência, pensando que ajudaria, mas não queria me meter na sua vida ou—”

“Luuuk, podemos ir para casa agora?” ela interrompe.

Ele morde o interior do lábio. Me dá uma última olhada. "Adeus, Scarlett."

Aceno e o observo sair, seus passos relaxados, seu cabelo castanho quase dourado no sol poente. Assim que ele e Pen desaparecem atrás da casa, inclino minha cabeça para trás para olhar para o céu. Tiro isso *Onde Scarlett e eu vamos nos encontrar?* — a pronúncia quase perfeita, os o's fechados , os s 's reveladores — da minha mente. Deixo meu coração desacelerar para uma velocidade normal e digo a mim mesma que, décadas a partir de agora, quando eu estiver frágil e com o coração de ameixa na casa de repouso, e a enfermeira de IA me alimentando com couve-de-bruxelas cozida no vapor perguntar: *Qual foi a coisa mais maluca que já aconteceu com você?* minha mente vai instantaneamente se concentrar nessa conversa.

Eu nem sei o quanto estou errado.

CAPÍTULO 7

EU "Sinto muito, o que foi isso?"

Para cada sessão, há muitos silêncios entre Sam e eu. Porque ela faz perguntas difíceis que eu não consigo responder, e não segue em frente até receber algum tipo de resposta.

Acho que é assim que a terapia funciona.

"Eu perguntei, isso já aconteceu com você antes?"

"E por 'isto' você quer dizer...?"

"Este seu bloco."

"Certo." Eu balanço minha cabeça. "Não. Não, não aconteceu."

"Nem mesmo em menor escala?"

"Na verdade."

Ela olha para seu caderno. "Fiz algumas pesquisas. Parece que a síndrome do movimento perdido é um fenômeno típico em atletas. Uma incapacidade repentina de executar uma habilidade que você já dominava." Ela recita o último trecho, como se fosse uma definição que ela estivesse citando. Seus olhos encontram os meus através de óculos de aro de chifre. "Essa descrição corresponde ao que você está vivenciando?"

Demoro o máximo que posso antes de concordar. Talvez quanto mais eu adiar isso, menos verdadeiro isso se tornará.

"Twisties," eu digo eventualmente. "Ou yips. É assim que nós mergulhadores os chamamos."

CAPÍTULO 8

PENELOPE: História engraçada.

PENELOPE: Acordei esta manhã com uma dor de cabeça enorme. Não conseguia descobrir o porquê. Então me lembrei do que aconteceu ontem à noite e comecei a rezar para que meus ossos se transformassem em lava.

PENELOPE: Não tenho palavras para descrever o quão burra eu fui. Acho que só tomei dois drinques — não tenho ideia de como fiquei tão bêbada. E não é desculpa. Sinto muito, Vandy.

Como ela deveria ser.

SCARLETT: Acho que a cerveja caseira do Coach pode ser mais forte do que a cerveja comum. As gêmeas também estavam bem bêbadas, e eu acabei dirigindo o carro da Victoria de volta para casa.

PENELOPE: Aposto que a NCAA adoraria ouvir isso.

SCARLETT: Mas, daqui para frente, por favor, não conte fatos sobre minha vida sexual.

PENELOPE: Deus, eu prometo que não vou! Juro que não costumo ser tão ruim assim. E, honestamente, eu sou sua capitã. O que eu fiz foi totalmente assédio sexual, e você tem todo o direito de me denunciar.

SCARLETT: Tudo bem. Você está perdoado, desta vez. Além disso, essa coisa toda vai nos dar uma vantagem no futuro. Nunca joguei Eu Nunca.

PENELOPE: LMAO duas verdades e uma mentira também.

PENELOPE: “Eu faço xixi na piscina.” “Eu odeio tomates.” “Uma vez fiquei tão bêbada que tentei fazer meu ex e meu companheiro de equipe transarem.”

SCARLETT: Estou muito preocupada agora, pois vi você comer tomates com meus próprios olhos.

PENELOPE: Eles jogam tanto cloro lá!

SCARLETT: Estou oficialmente me fazendo desconhecer isso sobre você. Nunca mais mencione isso.

SCARLETT: Lukas está louco?

PENELOPE: Liguei para ele esta manhã para me humilhar, mas ele apenas deu de ombros. É impossível deixar Lukas bravo. Ele é literalmente o ser humano mais imperturbável do universo.

Alguns dias atrás eu teria imaginado o oposto — que ele seria do tipo que faz tratamento silencioso, mal-humorado e propenso à raiva. Mas isso foi só um palpite, baseado na minha suposição geral de que os homens podem ser assustadores e imprevisíveis.

Nem todos os homens, tenho certeza. Talvez nem a maioria dos homens. Mas com meu passado, não consigo deixar de desconfiar deles até que me deem motivos para não fazê-lo. Lukas Blomqvist, no entanto, parece bastante inquestionável.

Não tenho nenhuma percepção real sobre sua personalidade, mas depois do churrasco do Coach ele se torna um pensamento meio intrusivo para mim, e me pego tirando um tempo para refletir sobre a estrutura das frases em alemão, para... reunir informações sobre ele. Principalmente, por meio de minhas próprias lembranças.

Por mais que eu tente, não consigo me lembrar de tê-lo conhecido durante minha viagem de recrutamento. Há trechos dele aqui e ali, no entanto, como confetes grudados no meu cabelo depois de uma queda de bola de Ano Novo. Eu não queria levá-los para casa, mas ainda assim posso examiná-los, e estou feliz por isso.

Ano de calouro, Halloween, quando algumas crianças invadiram o poço de mergulho para jogar ovos e papel higiênico na piscina. Lukas, que já era capitão, ofereceu o time masculino para limpá-lo. Quando eles começaram a reclamar, um movimento de sobrancelha foi tudo o que eles precisaram para ficarem quietos.

Ou aquela vez que um cara confundiu a cobertura da piscina com o pavimento e caiu lá dentro, mochila, roupas e tudo. Uma imagem ressurgiu: o braço tatuado de Lukas, pescando-o

para fora. O mesmo braço que no ano passado separou aqueles dois veteranos que brigaram, empurrou-os para longe, prendeu-os na parede para conversas sérias.

E então, as partes que Pen jogou fora de passagem. Algo sobre como ele recebeu ofertas de patrocínio, mas se recusou a "vender xampu e xarope de milho rico em frutose". Postagens de aniversário em seu Instagram, fotos dos dois ao longo dos anos, o volume sério de Lukas, o sorriso largo de Pen. A maneira descuidada com que ela mencionou nunca ter ido à Suécia para visitá-lo — *Ocupado demais, sabe?*

Essa é a extensão das minhas memórias, mas não importa. Porque agora que Pen tentou nos espremer nesse triângulo estranho, agora que estou ciente dele, eu o noto *em todos os lugares*. Andando pelo convés. Com os PTs na sala de recuperação. Levantando pesos realmente ridículos. Naquelas reuniões irritantes de sábado que acontecem atrás da torre de mergulho — embora ele fique quieto lá. Os nadadores se revezam celebrando uns aos outros e anunciando suas conquistas semanais, mas Lukas Blomqvist, cinco vezes medalhista de ouro olímpico (dois são revezamentos, o que o torna um pouco menos humilhante), nunca tem nada para compartilhar.

Talvez ele esteja numa rotina. Talvez ele odeie falar em público. Talvez seja uma coisa sueca.

Nunca me importei muito em mapear a rede social aquática, mas ele parece se dar bem com seus companheiros de equipe. "Sweedy", eles o chamam — não *sweetie*, como eu pensava originalmente. A percepção me atinge enquanto faço flexões, e eu fico pendurado na sala de força por alguns segundos, exalando risadas ofegantes até que Bree pergunta se estou tendo um colapso mental.

Eu o pego empurrando o outro cara sueco do time para dentro da piscina e bufo quando a única coisa que sai da água é um dedo médio.

Eu o vejo andando pelo campus com outros dois veteranos que também são atletas olímpicos: Hasan, um inglês simpático que me convidou para sair no primeiro ano, e Kyle, uma das esperanças e sonhos da natação dos EUA, que se parece com vinte colegas de fraternidade estereotipados jogados em um liquidificador e espalhados sobre uma fatia de pão Wonder Bread.

Eu observo Lukas nadando. Primeiro, por curiosidade. Depois, porque não consigo parar, em total descrença de que ele e eu somos feitos da mesma coisa — carbono, hidrogênio, oxigênio — e ainda assim seu corpo consegue fazer *isso*.

Ele provavelmente é um bom sujeito — ou pessoa, líder, nadador, seja qual for a palavra da moda da NCAA do dia. Às vezes, passamos um pelo outro e trocamos um aceno. Um sorriso sarcástico. Um momento compartilhado de *lembrar quando seu ex queria que a gente transasse?* compreensão. Na maior parte do tempo, porém, ele parece focado demais no treinamento para prestar atenção em mim.

E eu também. Vinte horas de prática por semana, mais aulas, dever de casa, preparação para o MCAT e essa coisa que me disseram que as pessoas realmente deveriam fazer se seus planos incluem permanecer vivos por mais de alguns meses. "Dormir", diz o treinador. Ouço coisas ótimas. Adoraria tentar algum dia.

"Nós nem escolhemos bons esportes", Maryam me lembra durante o jantar. Estamos olhando sem vida para nossos pratos de espaguete, totalmente cientes de que temos pelo menos três horas de trabalho escolar pela frente. "Luta livre? *Mergulho?* Mal financiado e com espectadores. Nenhuma chance de fama e glória. Meus malditos *globos oculares* doem, e para quê?"

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Deep End: From the bestselling author..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).